

UM OLHAR ATENTO SOBRE O EVENTUAL DESINTERESSE DOS ALUNOS PELA ESCOLA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A CAREFUL LOOK AT THE EVENTUAL DISINTEREST OF STUDENTS FOR SCHOOL IN THE FINAL YEARS OF FUNDAMENTAL EDUCATION

Rosimar Morais Barbosa 1
Érica Cristina Barros Gomes 2
Mariany Almeida Montino 3

Resumo: A presente pesquisa buscou compreender as causas do aparente desinteresse pelas aulas e demais atividades, bem como as dificuldades de integração entre pares que os alunos e alunas adolescentes do 8º ano "X" de um colégio confessional, do município de Palmas, Tocantins, vêm apresentando nos últimos tempos. Segundo Vygotsky (1994) os interesses não são introjetados no indivíduo de fora pra dentro, eles se desenvolvem em meio às relações que esse sujeito vivência com o seu meio cultural. Para Piaget (2010), o sentimento que a criança tiver experimentado no passado, na família e com os professores, orientará os sentimentos futuros. E ainda, segundo Wallon (1980), inteligência e afetividade são duas dimensões do indivíduo que estão intimamente relacionadas e o sujeito só é capaz de aprender de fato, quando ele é afetado por aquele conhecimento, ou seja, quando aquele conhecimento faz sentido pra ele. O presente estudo compreende uma pesquisa básica de natureza qualitativa de cunho descritivo. Os métodos de coleta de dados foram o questionário com perguntas abertas e fechadas, e análise documental. Como método de análise de dados foram utilizadas as contribuições da análise de conteúdo, por se aproximar da natureza da pesquisa qualitativa.

Palavras-chave: Desinteresse pela escola. Adolescência na escola. Afetividade e escola.

Abstract: The present research sought to understand the causes of the apparent lack of interest in classes and other activities, as well as the difficulties of integration between peers that male and female students from the 8th grade "X" of a confessional college, in the municipality of Palmas, Tocantins, have been presenting in the last times. According to Vygotsky (1994), interests are not introjected into the individual from the outside in, they develop in the midst of the relationships that this individual experiences with his cultural environment. For Piaget (2010), the feeling that the child has experienced in the past, in the family and with teachers, will guide future feelings. And yet, according to Wallon (1980), intelligence and affectivity are two dimensions of the individual that are closely related and the subject is only able to actually learn, when he is affected by that knowledge, that is, when that knowledge makes sense to him. The present study comprises a basic qualitative research of a descriptive nature. The methods of data collection were the questionnaire with open and closed questions, and documentary analysis. As a method of data analysis, contributions from content analysis were used, as it is close to the nature of qualitative research.

Keywords: Disinterest in the school. Adolescence at school. Affectivity and school.

1- Graduanda em Pedagogia da Faculdade ITOP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9278162856593708> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4846-3392> E-mail: rosimarbarbosa99@gmail.com

2- Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0019345746975327> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6389-5006> E-mail: ericaiascj@gmail.com

3--Doutora e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Faculdade ITOP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3117524559575296>. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8277-0644> E-mail: mariany.am@unitins.br

Introdução

A presente pesquisa buscou compreender as causas do aparente desinteresse pelas aulas e demais atividades, bem como as dificuldades de integração entre pares que os alunos adolescentes do 8º ano “X”, do período matutino, de um colégio confessional, do município de Palmas, Tocantins, vêm apresentando nos últimos tempos. Ressalta-se que o colégio conta com outras duas turmas de 8º ano (Y e Z) que funcionam no período vespertino. Para essas outras duas turmas de 8º ano, não se observa tal desinteresse ou falta de integração, por isso o interesse inicial de se investigar o assunto.

Para compreender essa questão sabe-se que há um leque a eleger-se como problemática de investigação, envolvendo várias questões como família, escola, as mídias, uma vez que tudo isso contribui para a apatia e desinteresse dos alunos e pode interferir no aprendizado do adolescente.

De forma geral a escola é um espaço que favorece a interação social. Ela proporciona intencionalmente este convívio entre pais, professores, alunos e alunas, professores e alunos, visando estabelecer relações interpessoais, para que seus educandos possam exercitar as funções que ao longo do seu desenvolvimento vão amadurecendo e favorecendo no processo de ensino e aprendizado, e na internalização dos conhecimentos e dos modos de ser e agir.

É importante que a escola ofereça momentos ou atividades que ajudam o discente a desenvolver o sentimento de pertencimento pela escola e pelos grupos que se constroem no seu interior, pois isso facilita no processo de ensino aprendizagem, favorece o desenvolvimento da autoestima do aluno, ele começa a familiarizar-se melhor com o ambiente escolar, se sentindo acolhido e pertencente àquele grupo.

Na atualidade estamos vivendo e vendo muitos acontecimentos no mundo que vem gerando mudanças e influenciando no ambiente escolar, familiar e social, inclusive nas atitudes das crianças, adolescentes e jovens, que passam a apresentar distúrbios afetivos e comportamentais. O fato de estarem grande parte do tempo diário distante da família e o acesso indiscriminado às novas tecnologias e redes sociais também vêm estimulando comportamentos com os quais a escola ainda não aprendeu a lidar.

Segundo Vygotsky (1994) os interesses não se adquirem, não são introjetados no indivíduo de fora pra dentro, eles se desenvolvem em meio às relações que esse sujeito vivencia com o seu meio cultural, ou seja, o interesse se origina de uma relação extremamente peculiar entre o sujeito e a realidade na qual ele está inserido.

Aos adolescentes, quando chega esta fase da vida, são atribuídos rótulos como rebeldes, conflituosos, transgressores de regras etc, que desconsidera-os como participantes da sociedade, criando assim uma imagem negativa e reduzida desta etapa da vida, excitando relacionamentos conturbados e prejudiciais a eles. Essa visão, segundo Ozella e Aguiar (2008), tem assumido maiores proporções a partir da década de 1990.

Vygotsky, ao destacar a importância das interações sociais, traz a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem e defende que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. O aluno com repulsão à escola manifesta ao mesmo tempo dificuldades emocionais, sociais e de conduta nas suas relações com o ambiente escolar. E possivelmente, por estarem em desenvolvimento não têm ainda a capacidade para compreender o que lhes acontece internamente. Ainda segundo autores que pesquisam o tema:

Os problemas emocionais e sociais podem desempenhar um papel importante nas dificuldades gerais de aprendizagem e no rendimento, seja como fator etiológico fundamental ou colateral, por exemplo, por deficiência na motivação, na concentração ou no planejamento da conduta; má relação com o professor ou com os colegas; protesto contra os pais por meio de sua conduta escolar; baixo sentimento de autoestima e de auto eficácia, ansiedade excessiva, etc. (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2007, p. 120).

Outra questão a ser considerada é que o mundo e as relações estão cada vez mais permeados pela tecnologia, que cada vez mais faz parte da vida das pessoas. A tecnologia produz nas pessoas um novo comportamento, cujos efeitos ainda não se conhecem com profundidade, mas é perceptível que influenciam no seu modo de ser e agir. Sobre isso Babin e Kouloumdjian (1989) afirmam que o meio tecnológico moderno, em particular a invasão das mídias e o emprego de aparelhos eletrônicos na vida cotidiana, produz progressivamente um outro comportamento intelectual e afetivo, característica, atualmente, marcante dos adolescentes e jovens da contemporaneidade. Silva (2009) afirma que os jovens da contemporaneidade apresentam facilidades em lidar com a diversidade de conexões de informações através das telas digitais e são capazes de produzir, modificar e partilhar conteúdos diversos. Todas essas possibilidades demonstram uma necessidade de uma sala de aula mais dinâmica em todos os segmentos da educação. E ainda, segundo Lemos (2011):

As mídias expandem nossa compreensão de mundo e de nós mesmos, produzindo subjetividade. Elas ampliaram o genérico outro e a relação que estabelecemos com o lugar, dada a visão expandida de outros lugares (pela experiência ou pelas mídias). Desde sempre, mídias produzem espacialização e subjetividade, historicizando-se pela escrita; vindo depois os jornais, o rádio, o telefone, a tevê e, hoje, a internet e as mídias digitais (LEMOS, 2011, p.24)

Atualmente, portanto a escola pode não ser tão atrativa como os dispositivos digitais, no entanto, Babin e Kouloumdjian (1989) também apontam que é difícil para os jovens concentrarem-se em conceitos e discursos que não se relacionem com ritmos, imagens, sons e vibrações, visto que a tecnologia é a linguagem da geração mais jovem. Belloni (2001), afirma que os jovens e as crianças incorporam facilmente as inovações tecnológicas quando tem acesso a elas, porque estão incorporando os elementos de seu universo de socialização.

Esta pesquisa visa, portanto, contribuir para a compreensão do aparente desinteresse que os alunos e alunas adolescentes vêm apresentando diante do trabalho pedagógico da escola, bem como, a dificuldade de interação diante das relações entre seus pares.

Metodologia

O presente estudo compreende uma pesquisa básica de natureza qualitativa e cunho descritivo. Foram utilizados como procedimentos de coleta de dados o questionário para os alunos e professores com questões abertas e fechadas, e análise documental. Dos vinte alunos da turma do 8º ano "X", dezesseis participaram da pesquisa e responderam ao questionário. Para os nove professores da turma, das diferentes disciplinas, também foi aplicado um breve questionário com cinco perguntas abertas.

Segundo Lüdke e Andre (1986), os questionários são mais utilizados nas pesquisas de natureza quantitativa, mas também podem servir de apoio para as pesquisas qualitativas. Nessa pesquisa os questionários compreendem uma mescla de questões abertas e fechadas e foram aplicados aos alunos do 8º ano "X", simultaneamente, em período de aula combinado com um dos seus professores. Também foram aplicados questionários aos nove professores da turma, com cinco perguntas abertas, com o objetivo de reconhecer as representações que os professores têm sobre a turma do 8º ano "X" em comparação com as demais turmas de 8º ano (Y e Z) do colégio, e o que essas representações têm de semelhanças e diferenças entre si.

Por fim, foi realizada análise documental na secretaria do colégio, sobre os prontuários desses alunos e alunas com a intenção de conhecer seu fluxo migratório, ou seja, em que ano ingressaram no colégio, se saíram e retornaram, se cursaram os diferentes anos letivos com

a mesma turma ou se houve remanejamento de turmas de ano a ano, enfim. A ideia aqui era investigar se há relação entre o nível de integração da turma com o fato de permanecerem estudando juntos por longo período de tempo. Para Lüdke e Andre (1986), a pesquisa documental pode ser valiosa, tanto para desvelar aspectos novos de um problema, quanto para complementar as informações obtidas por outras técnicas. E ainda, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o assunto, para proceder às análises dos dados coletados, sob a luz dos estudos e das contribuições de autores que já se debruçaram sobre esse tema.

A pesquisa compreendeu recorte temporal transversal com recorte longitudinal, uma vez que os dados coletados por análise documental pretendem ajudar a conhecer a trajetória escolar dos alunos do 8º ano “X” desde o primeiro ano na escola, portanto desde o ano de 2012, passando por todos os anos letivos até chegar em 2019. Os questionários e as entrevistas foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2019, após liberação e autorização do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP).

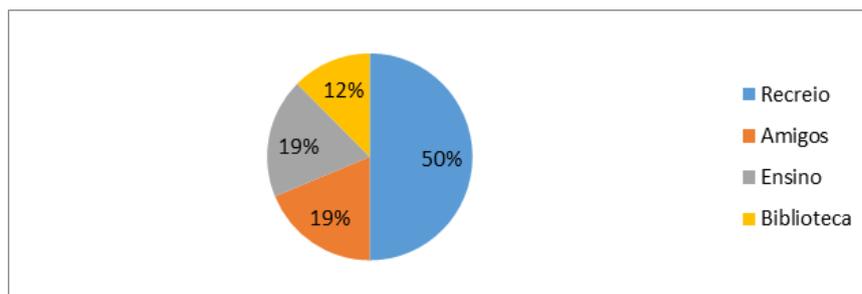
Como método de análise de dados foram utilizadas as contribuições da análise de conteúdo, por se aproximar da natureza da pesquisa qualitativa, que consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, no caso, aquelas pesquisadas a partir dos questionários aplicados aos professores e alunos do 8º ano “X”. A análise de conteúdo visa, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo desses registros, obter indicadores qualitativos e quantitativos, que permitam a inferência de conhecimentos relativos a esses registros, de falas e situações. Os dados foram organizados em tabelas e gráficos, a partir de categorias e indicadores, para posterior análise sob a luz das contribuições dos autores pesquisados.

Resultados e discussão

Iniciamos com as análises das respostas aos questionários aplicados aos alunos do 8º ano “X” às cinco perguntas abertas, a saber: 1. Do que você mais gosta na escola? 2. Do que você menos gosta na escola? 3. Se você quisesse ou pudesse mudar alguma coisa na sua escola, o que você mudaria? Por que? 4. Quem são seus melhores amigos na escola? 5. Qual ou quais as suas disciplinas favoritas? Por que será que você gosta mais dessas disciplinas do que das outras? A seguir trazemos os gráficos e análises das questões abertas número 1, 2, 3 e 5. A questão 4, que se refere aos amigos, será tratada mais adiante, no subitem “Migração escolar, integração e pertencimento”, devido sua pertinência com o tema.

Análise dos questionários – perguntas abertas

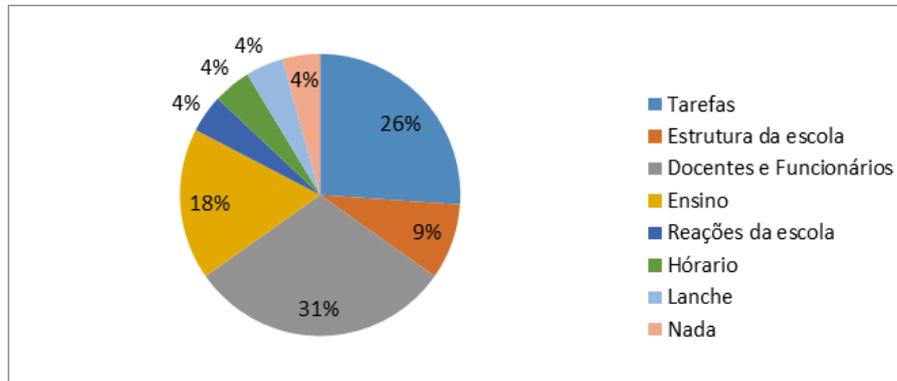
Gráfico 1: O que mais gosta na escola



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Ao analisar os dados da pesquisa, como segue no gráfico, identificou-se que 50% dos alunos gostam mais do recreio na escola; com a mesma porcentagem de 19% estão amigos e ensino; e com 12% biblioteca dentro do espaço escolar.

Gráfico 2: O que menos gosta na escola



Fonte: Arquivo da pesquisadora

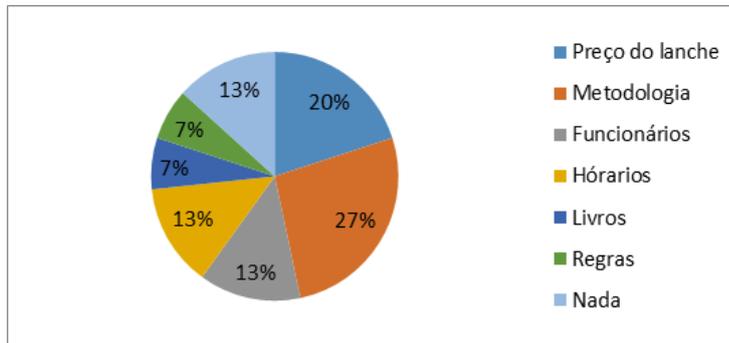
No gráfico 2 é possível perceber o que os alunos menos gostam dentro da escola, sendo 31% dos docentes e funcionários; 26% das tarefas passadas pelos docentes; 18% do ensino e metodologia da escola; 9% da estrutura da escola; e o restante todos com 4% não gostam muito do horário determinado pela escola, do lanche servido na cantina, das reações da escola e ainda há aqueles que não desgostam de nada na escola.

Conforme Lara (1987, p.22) a grande maioria dos alunos são contra a exigência diária da escola, sem exceção, dos uniformes completos dos quais nem os sapatos escapam. Eles acham absurda a rigidez dos horários, detestam ficar sentados por muito tempo e, como se isso tudo não bastasse, ter ainda que fazer as atividades passadas para casa. São essas as questões que são sempre apontadas pelos alunos como sendo as responsáveis por eles não gostarem da escola. Ainda de acordo com uma pesquisa realizada juntamente aos professores, a autora complementa que:

Qualquer instituição tem as suas normas que devem ser seguidas por todos. Muitos professores atribuem a essas normas uniformizantes um “valor educativo”. - “As normas que a Escola adota são boas porque educam as crianças à pontualidade, a reprimir as suas vontades (instintos) em benefício da vida em comum, aprendem, afinal, a obedecer”. Tais professores absolutizam o valor das normas uma vez que são elas, as normas, que educam; através delas as crianças aprendem a “se tornarem civilizadas”. (p.24)

Mas a verdade é que sem regras não há vida social e os adolescentes aprendem isso desde pequenos e vivenciam a todo momento esse fato. Aliás, há regras de convivências para tudo e todos os lugares sejam elas na vizinhança, em casa, em seus jogos e brincadeiras com os colegas e há as que a sociedade estabelece nas ruas ou nos lugares públicos de modo geral, assim como as regras da escola.

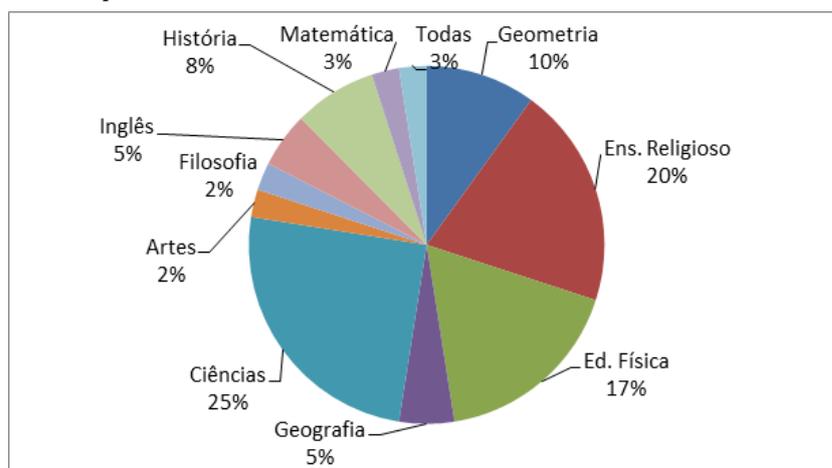
Gráfico 3: O que mudaria na escola



Fonte: Arquivo da pesquisadora

No gráfico 3 analisamos o que os alunos mudariam na sua escola, sendo uma das principais mudanças com 27% a metodologia usada por alguns professores dentro das salas de aula, pois na visão de alguns alunos, de acordo com suas respostas, os mesmos se colocam em uma posição de superioridade e julgam, muitas vezes sem conhecer a situação real; além disso, relatam sentir falta de uma explicação do professor que interaja com os alunos; com 20% o preço do lanche é o segundo item que mudariam na escola, porque acham muito caro. 13% dos alunos trocariam os funcionários, porque na visão de alguns alunos mostram não ter ética e profissionalismo. Outros 13% mudariam os horários das aulas, acrescentando mais aulas de educação física e mantendo as aulas de português. Outros 13% disseram que não mudariam nada, porque a escola estava diferente em relação aos anos anteriores. 7% dos alunos responderam que mudariam os livros, porque na visão de alguns alunos são considerados muito infantis para o ano em que estão. Outros 7% mudariam as regras adotadas pela escola, que deveriam segundo a visão desses alunos, se preocuparem com as coisas mais graves do que apenas com os uniformes e calçados que estão usando.

Gráfico 4: Disciplinas favoritas



Fonte: Arquivo da pesquisadora

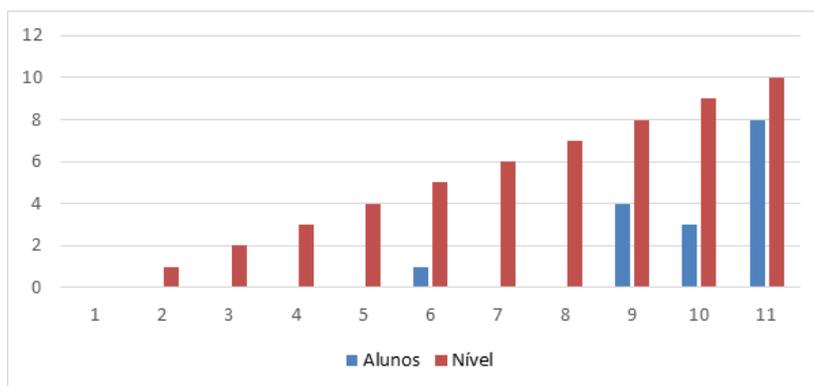
No gráfico 4, sobre as disciplinas favoritas dos entrevistados, podemos perceber em primeiro lugar com 25% considerada a matéria favorita pelos alunos é Ciências por considerarem uma aula divertida e gostarem do professor; em seguida, com 20% a disciplina de Ensino Religioso porque assim como na outra disciplina o professor é considerado bom e

as aulas são divertidas; com 17% temos a matéria de Educação Física; 10% Geometria; 8% História; 5% Inglês e Geografia; 3% matemática e todas as disciplinas; com 2% Arte e Filosofia.

Análise dos questionários – perguntas fechadas

Nomeamos essa seção de questões entre 6 e 10 de “Termômetro”. Trata-se de perguntas fechadas cujas respostas seriam identificadas em níveis de uma escala de 0 a 10. Com a questão número 6 pretendeu-se medir o nível de interesse dos adolescentes pelas atividades desenvolvidas na escola, sendo (0) para nenhum interesse e (10) para totalmente interessado(a). Assim, a questão esteve fracionada em 9 subitens, a saber: a. Recreio; b. Biblioteca; c. Atividades de sala de aula; d. Atividades em outros espaços da escola; e. Tarefas de casa; f. Pesquisas para casa; g. Trabalhos em grupo; h. Atividades religiosas; i. Momento cívico. No plano vertical e nas colunas azuis lê-se o número de alunos que optou por determinado nível de interesse (0 a 10). No plano horizontal, as colunas vermelhas representam os níveis de 0 a 10.

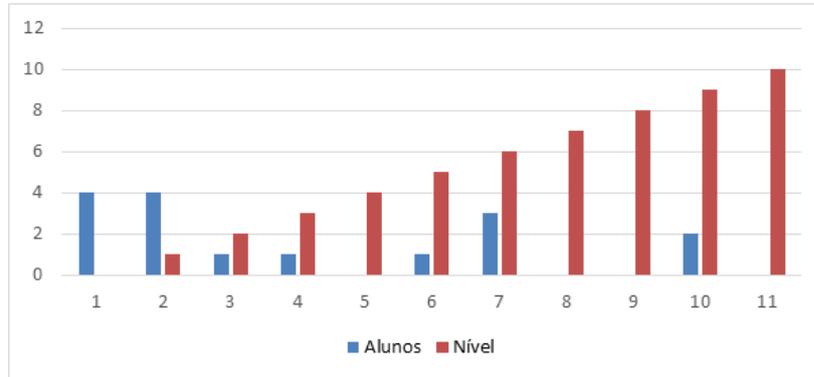
Gráfico 5: Recreio



Fonte: Arquivo da pesquisadora

O recreio é, aparentemente, o momento mais agradável da escola, quando os adolescentes podem lanchar, conversar, ir ao banheiro e descansar das aulas em sala. Todos os alunos gostam do recreio. Cruz e Carvalho (2006, p. 115) dizem que o recreio escolar é um “espaço que, embora esteja determinado pelas relações institucionais em que está inserido, possui relativa autonomia do mundo adulto”. Para Matos (2015), o espaço do recreio é favorável tanto para o desenvolvimento motor quanto social, pois esse espaço permite que os adolescentes troquem experiências, vivam aventuras, vivenciem sentimentos, mostrem suas emoções e selecionem seus amigos. (ALVES, 2017)

Gráfico 6: Biblioteca



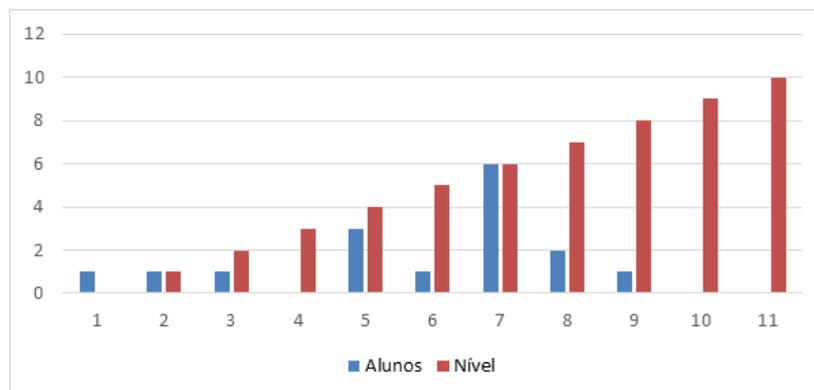
Fonte: Arquivo da pesquisadora

A maioria dos alunos do 8º ano “X” dizem não gostar da biblioteca. Conforme Perucchi (1999, p.83):

A biblioteca foi criada para ampliar o ensino formal, sendo de sua competência, grande parcela no desenvolvimento da capacidade de ler. Desfazendo a associação leitura/tarefa escolar, uma biblioteca escolar não pode restringir-se apenas aos conteúdos que venham ao encontro das metas dos professores, no que se refere ao desenvolvimento dos programas básicos.

Ainda segundo a autora, a biblioteca precisa ser vista como uma grande oportunidade de fortalecimento do ensino, onde o professor não siga caminhos pré-determinados e receitas prontas, mas procure oportunizar ao seu aluno a busca por novas informações. Do convívio com a leitura, com novas ideias é que surge, o leitor crítico, independente e consciente, e é claro que é fundamental organizar um acervo que desperte o interesse de crianças e adolescentes de todas as idades.

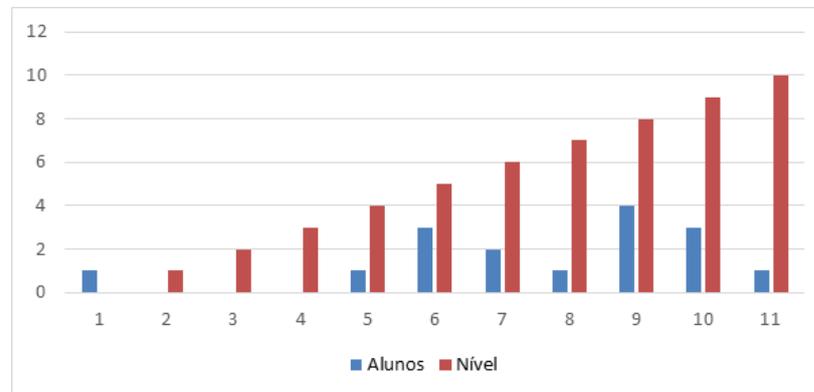
Gráfico 7: Atividades de sala



Fonte: Arquivo da pesquisadora

De acordo com as respostas aos questionários, a maioria diz não gostar das atividades de sala de aula. Conforme Pimenta (1993) apud Reis (2016, p.44), “A sala de aula é definida por aquilo que vai além de suas paredes, por que em certa medida é influenciada pelos fatores externos que interfere para além de suas paredes”. Isso significa que a escola não pode ministrar conteúdos isolados da realidade social dos alunos, como se fosse dois mundos diferentes, logo o trabalho da sala deve ser uma extensão do meio social dos alunos. A instituição educativa juntamente com os professores, tem o papel de proporcionar, intencionalmente, condições que beneficiem o desenvolvimento do adolescente oferecendo-lhe uma variedade de oportunidades procurando estabelecer relações interpessoais com o meio para que elas possam exercer as funções que ao longo do seu desenvolvimento vão amadurecendo, favorecendo assim os seus processos de ensino e aprendizagem.

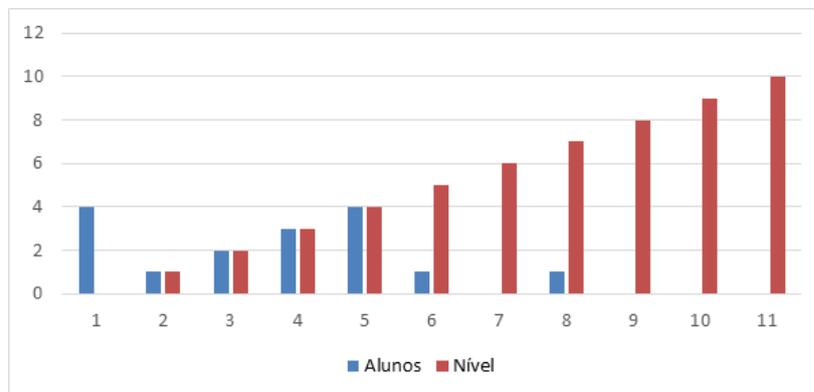
Gráfico 8: Atividades em outros espaços



Fonte: Arquivo da pesquisadora

A maioria dos alunos diz gostar das atividades em outros espaços da escola. A escola pode integrar-se com os espaços culturais e profissionais da cidade (museus, teatros, quadras esportivas, parques, praças, ateliês, fábricas, cinemas, centros culturais) e assim ampliar sua interação, o seu currículo, suas práticas, sua inserção social. É importante integrar as experiências individuais de Ongs, empresas, entidades religiosas, lideranças de bairros, entre outras, com a educação formal. Os órgãos gestores podem apoiar as melhores práticas e fazer com que façam parte de cursos reconhecidos, de escolas oficiais. “Não basta oferecer boa escola: é preciso, além de envolver e qualificar as famílias, acionar as diferentes esferas do governo (saúde, geração de renda, esporte, saúde) e transformar toda a cidade em espaços educativos, tirando proveito dos cinemas, teatros, parques, empresas, museus”. (GILBERTO, citado por MORAN, 2013)

Gráfico 9: Tarefas de casa

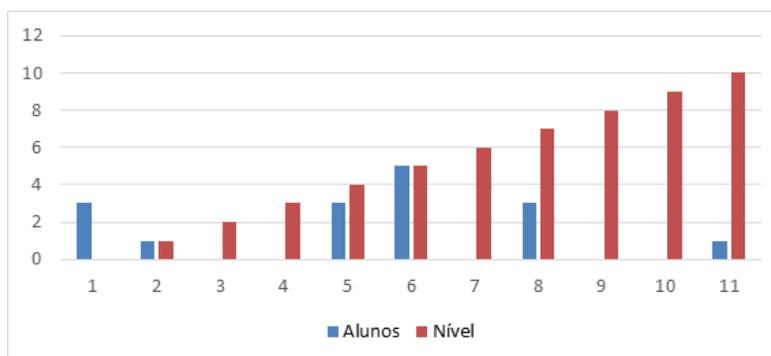


Fonte: Arquivo da pesquisadora

A maioria dos adolescentes pesquisados diz não gostar das atividades de casa. A atividade de casa é vista como uma forma de aproximar a família e a escola, o que Libâneo (1994) chama de função social da tarefa de casa, possibilitando que a família acompanhe o que os adolescentes estão aprendendo, tendo a oportunidade de contribuir e ajudar os seus filhos com a lição de casa. (LIMA, 2013)

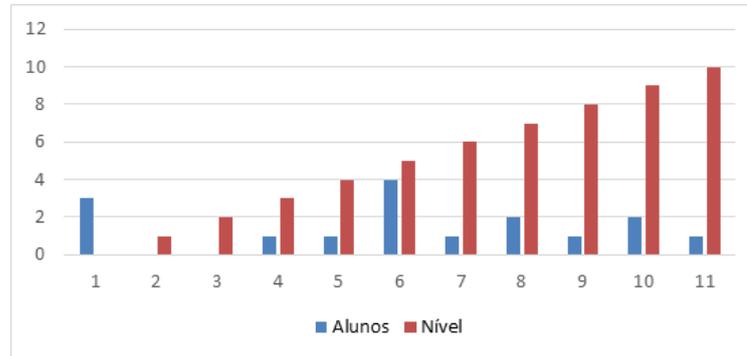
A autora ainda complementa que a tarefa de casa apresenta diversas funções, como a de conhecer as dificuldades que os alunos apresentam em determinados assuntos, já que, teoricamente, é uma oportunidade para o aluno resolver questões sozinho, sem a interferência dos colegas, com mais concentração, e no seu próprio tempo, sem ninguém o pressionar; Embora saibamos que muitas vezes há a interferência de pais, irmãos, aulas de reforço escolar, e etc. as tarefas de casa também podem servir para introduzir um tema que será trabalhado numa próxima aula, desde que isso fique bem claro para os alunos, desde o momento de aplicação destes deveres. Assim, o professor tem a oportunidade de saber quais conhecimentos seus alunos já trazem a respeito daquilo, e poderá trabalhar um conteúdo de forma muito mais interessante e adequada ao seu grupo.

Gráfico 10: Pesquisas para casa



Fonte: Arquivo da pesquisadora

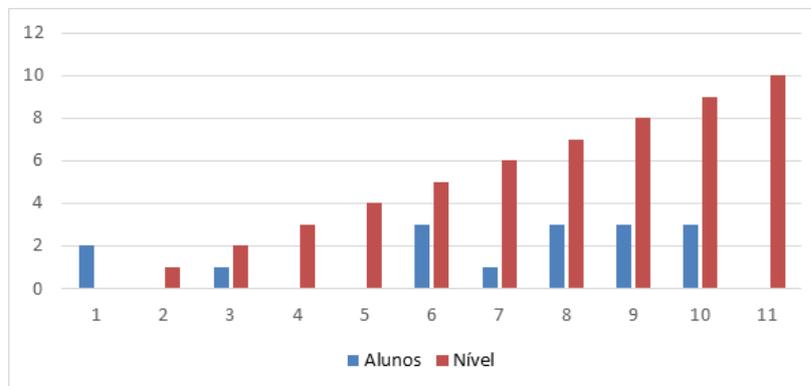
Gráfico 11. Trabalhos em grupos



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Nos gráficos 10 e 11 podemos perceber que há maior aceitação na realização de pesquisas passadas para casa e nos trabalhos em grupo, se compararmos com as tarefas para casa. Os alunos gostam de pesquisar e fazer trabalhos em grupos, pois se sentem desafiados a conhecer e pesquisar assuntos novos, um convite ao despertamento da curiosidade. Conforme Paulo Freire (2019, p.83) “como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”. A curiosidade está dentro de nós, todos somos curiosos por natureza e com os adolescentes não poderia ser diferente. Com a influência cada vez maior das mídias sociais, os nossos alunos estão sempre conectados mesmo dentro da sala de aula, a qualquer momento os professores e os alunos podem se assumir “epistemologicamente curiosos”, sempre pesquisando, dialogando sobre o conteúdo com uma participação aberta para que todos possam pesquisar e compartilhar os seus conhecimentos descobertos em grupo ou individualmente, enfim é fundamental incentivar a imaginação, intuição, senso investigativo e a capacidade dos alunos de ir além daquilo que o professor tem para ensinar em sala.

Gráfico 12: Atividades Religiosas



Fonte: Arquivo da pesquisadora

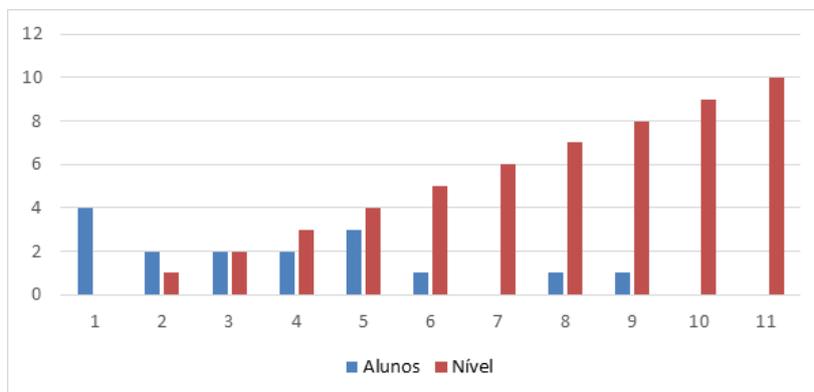
A maioria dos alunos pesquisados diz gostar das atividades religiosas, neste caso a disciplina de Ensino Religioso deve propiciar para os alunos a compreensão, comparação e

análise das diferentes manifestações do Sagrado, com vistas à interpretação dos seus múltiplos significados. Ainda, subsidiará os educandos na compreensão de conceitos básicos no campo religioso e na forma como as sociedades são influenciadas pelas tradições religiosas, tanto na afirmação quanto na negação do Sagrado. Em outras palavras, pode-se dizer que:

[...] aquilo que para as igrejas é elemento de fé, para a escola é objeto de estudo. Isto supõe a distinção entre fé/crença e religião, entre o ato particular de crer e o fato objetivo que o expressa. Essa condição implica a superação da identificação entre religião e igreja, salientando sua função social e o seu potencial de humanização das culturas. Por isso, o Ensino Religioso na escola não pode ser concebido, de maneira nenhuma, como uma espécie de licitação para as Igrejas (neste caso é melhor não dar nada). (COSTELLA, 2004, p. 105-106, citado por BRASIL, 2008, p.47).

Para isso acontecer os professores precisam ter formação continuada, como também ser criterioso na definição dos conteúdos que serão passados em sala de aula, na produção dos materiais pedagógicos e científicos.

Gráfico 13: Momento Cívico

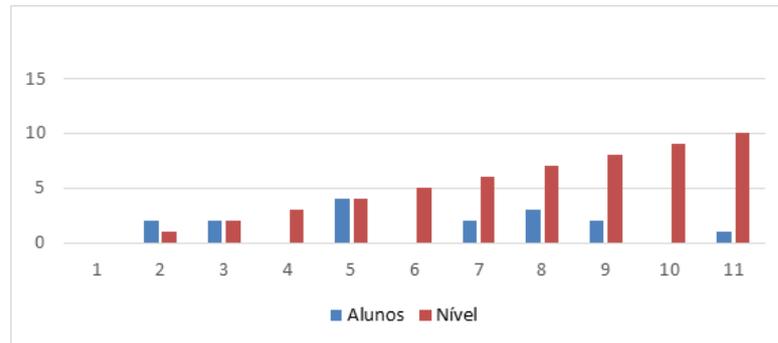


Fonte: Arquivo da pesquisadora

No gráfico 13, pode-se observar que grande parte dos alunos diz não gostar do momento cívico. Esse momento cívico seria o momento em que os alunos seriam incentivados a cantar o hino nacional brasileiro e compreenderem o que estão recitando. Entretanto, se atividades como essas não conseguirem despertar nos alunos algum sentido interno, muito provavelmente eles estarão participando apenas para marcar presença.

Continuando ainda na seção “termômetro”, as questões de 7 a 10 buscaram medir o nível de satisfação e pertencimento dos alunos do 8º ano “X” em relação à escola, a saber: De zero a dez: 7. O quanto você se sente feliz na sua escola? 8. O quanto você se sente querido(a) pelos(as) colegas da sua escola? 9. O quanto você se sente querido e valorizado por todos aqueles que trabalham na sua escola? 10. O quanto você percebe que sua família valoriza e acompanha sua vida escolar?

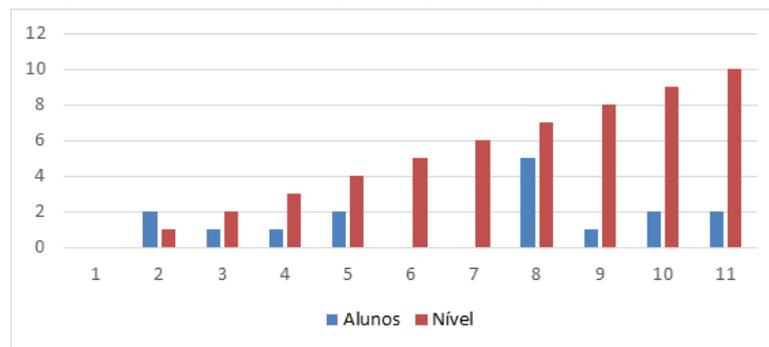
Gráfico 14: O quanto o aluno se sente feliz na escola



Fonte: Arquivo da pesquisadora

O gráfico 14 representa o nível de felicidade que os alunos atribuem a si próprios estando na escola. Aqui observa-se que maioria dos adolescentes pesquisados não se sentem felizes na escola que estudam. Segundo a autora Silva (2002, p.53) a experiência pedagógica demonstra que os alunos que se sentem amados e felizes desenvolvem também a habilidade de amar e respeitar aqueles com quem convivem. Estudar num ambiente favorável emocionalmente é uma grande garantia para a existência de relações interpessoais facilitadoras da aprendizagem, pois os alunos envolvidos nessa situação se sentirão mais seguros por lidarem com pessoas que lhes compreendem. Esse é um indicativo que precisa ser fortemente avaliado e considerado pelas instituições escolares, uma vez que na visão de Piaget, Wallon e Vigotsky, a afetividade está intrinsecamente relacionada à aprendizagem.

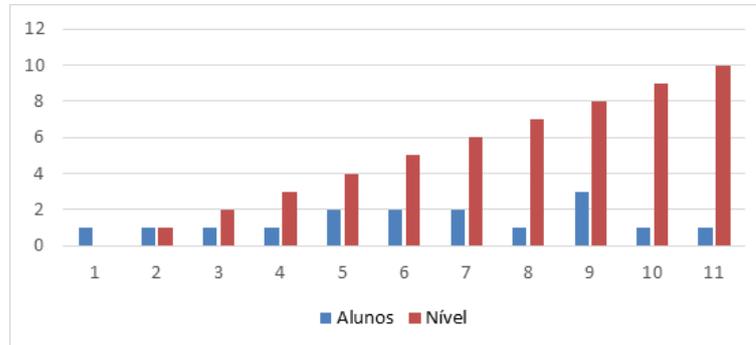
Gráfico 15: O quanto o aluno se sente querido pelos colegas



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Entre os 16 alunos pesquisados, 6 se sentem bem pouco queridos pelos colegas (abaixo do nível 4); 5 alunos se sentem razoavelmente ou bem queridos (nível 7 de satisfação), e 5 dentre os 16 alunos diz se sentir muito queridos.

Gráfico 16: O quanto o aluno se sente querido e valorizado por todos da escola

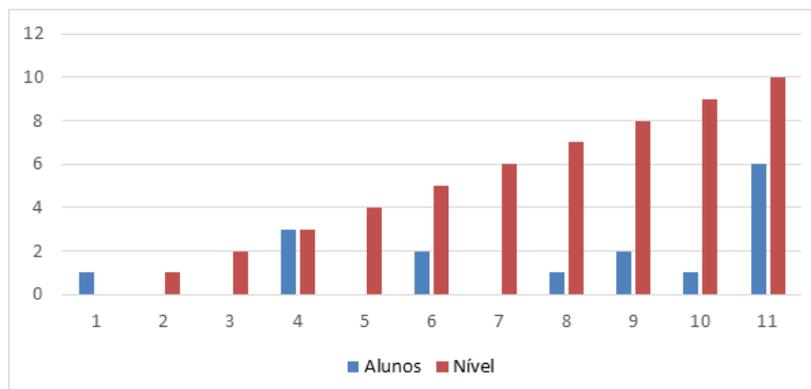


Fonte: Arquivo da pesquisadora

No gráfico 16 podemos observar que, dentre os 16 alunos, 8 não se sente querido e valorizado na escola, ou seja, a metade da turma. Segundo Camargo (2009) o sentido é construído pelo aluno a partir de uma cultura, de um conjunto de valores e de representações, bem como de situações, interações e relações. Por exemplo, os relacionamentos constituídos entre os adolescentes e os profissionais da escola e entre os adolescentes e seus colegas são primordiais na constituição subjetiva deles e, dependendo da forma como estas relações se estabelecem e são percebidas podem configurar a escola em um espaço no qual risco e proteção estão situados em fronteiras muito tênues. Assim, a escola pode ser um ambiente acolhedor, onde esse aluno se sinta valorizado e respeitado ou, ao contrário, ser um ambiente onde esse aluno possa experimentar dissabores de toda sorte, e sentir-se não pertencente àquele grupo.

Wallon (1995, p.99) afirma que “é nas grandes afluências de pessoas, quando mais se apaga em cada um a noção de sua individualidade, que as emoções explodem com mais facilidade e intensidade”, podemos identificar que a escola é um lugar conveniente para tais “explosões de emoções”, permitindo assim ricas e variadas experiências emocio-rationais. (SILVA, 2002 p.50)

Gráfico 17: O quanto o aluno percebe que a família valoriza e acompanha sua vida escolar



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Neste gráfico podemos perceber que boa parte dos alunos se sente valorizado e acompanhado pela família, entretanto, 6 dentre os 16 alunos pesquisados demonstra sentir que a família não valoriza e não apoia os seus estudos e a sua relação com a escola. Para Piaget

(2010), o sentimento que a criança tiver experimentado no passado, na família e com os professores, orientará os sentimentos futuros. É neste primitivo que irá moldar as emoções e comportamentos mais profundos. E ainda, segundo Wallon (1980), inteligência e afetividade são duas dimensões do indivíduo que estão intimamente relacionadas e argumenta ainda, que o sujeito só é capaz de aprender de fato, quando ele é afetado por aquele conhecimento, ou seja, quando aquele conhecimento faz sentido pra ele. Portanto, a afetividade na fase escolar e na adolescência do educando se apoia na relação afetiva dos pais e professores.

A família tem um papel muito importante na motivação dos adolescentes pelos estudos. O incentivo da família é extremamente necessário, atitudes simples dos pais como, por exemplo, perguntar ao filho como foi a aula ou pedir para ver o caderno. Esses fatores auxiliam na motivação, pois muitas vezes o jovem vai à escola com o prazer de voltar para casa e poder comentar como foi seu dia. (BAZILIO, 2009, p.24).

Migração escolar, integração e pertencimento

A partir dos dados coletados na secretaria da escola pudemos acompanhar brevemente a vida escolar dos alunos e alunas do 8º ano “X”, no sentido de observar o seu processo de mudanças e permanências. O quadro a seguir está dividido proposadamente em duas cores para facilitar a diferenciação visual entre o número de alunos que ingressou e permaneceu na mesma turma ou no mesmo período e o número de alunos que migraram entre turmas e períodos.

Quadro 1: Migração escolar

Aluno/a	Ingresso/ Turno	1ª. Transferência	2ª Transferência
1	2017/Matutino	Não houve	
2	2016/ Matutino	Não houve	
3	2017/Matutino	Não houve	
4	2014/ Matutino	Não houve	
5	2014/ Matutino	2015/ Vespertino	2019/ Matutino
6	2013/ Matutino	2014/ Vespertino	2016/Matutino
7	2013/Matutino	2019/ Vespertino	2019/Matutino
8	2009/ Vespertino	2012/ Matutino	
9	2016/ Vespertino	2017/Matutino	
10	2009/ Vespertino	Transferido para outra escola -2017	Retornou - 2019
11	2009/ Vespertino	2015/ Matutino	
12	2010/Vespertino	2014/Matutino	
13	2010/Vespertino	Transferido para outra escola - 2013	Retornou - 2019
14	2010/ Vespertino	2012 a 2017 no Matutino	2018-Vesp/2019-Mat
15	2018/Vespertino	2019/Matutino	
16	2014/ Vespertino	2017/Matutino	
17	2016/Vespertino	2019/Matutino	
18	2009/Vespertino	2019/Matutino	
19	2009/Vespertino	2019/Matutino	
20	2013/Vespertino	2019/Matutino	

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Na primeira coluna do quadro 1 estão os alunos e alunas representados por numerais de 01 a 20; a segunda coluna informa o ano em que ingressaram na escola e o período no qual estudavam na época do ingresso; a terceira coluna apresenta os alunos que foram transferidos de um período para o outro ou que foram transferidos para outra escola e o ano em que isso ocorreu; a quarta coluna apresenta os casos que tiveram mais de uma transferência e os que retornaram à escola.

Vale ressaltar que a turma do 8º ano “X” tem seu horário de funcionamento no período matutino, e os outros dois 8º anos “Y” e “Z” têm seu funcionamento no período vespertino. Aqui a ideia era testar uma de nossas hipóteses para a falta de entrosamento que se observa na turma do 8º ano X, que estaria relacionada à falta de oportunidade que esses adolescentes tiveram no sentido de criar vínculos afetivos com sua turma. Observando o quadro podemos perceber que houve forte migração entre as turmas dos 8º anos. Dos vinte alunos da turma, apenas os 4 primeiros ingressaram na escola por volta do 5º ou 6º ano e permaneceram em turmas que funcionam no período matutino. Os alunos de números 5, 6 e 7 ingressaram na escola ainda mais cedo, por volta do 2º ou 3º ano do ensino fundamental, também no período matutino, a certa altura migraram para o período vespertino e depois retornaram para o matutino. Os treze alunos que vão do número 8 ao número 20, ingressaram na escola no período vespertino, em diferentes épocas, inclusive quando estavam ainda na educação infantil (2009). A certa altura da vida escolar, dois deles foram transferidos para outra escola e depois retornaram e os demais migraram para o período matutino. É importante ressaltar que os 9º anos do colégio funcionam no período matutino e alguns pais preferem transferir os filhos para o período matutino logo durante o 8º ano para já irem se adaptando com o horário, como se pode observar nos casos dos alunos 15, 17, 18, 19 e 20.

Podemos, portanto, confirmar nossa hipótese de que, muito provavelmente, a turma do 8º ano “X” pode não ter conseguido construir um ambiente amistoso entre os colegas porque não tiveram tempo de criar laços afetivos entre si, como costumam fazer normalmente as turmas que estudam juntas por alguns ou vários anos. E aqui não estamos falando das trocas entre turmas do mesmo período, que é bastante comum. Os alunos que estudam em turmas diferentes no mesmo período, convivem e se relacionam nos outros espaços da escola, no recreio, na biblioteca, nos torneios, nas festas, enfim. Aqui, portanto, estamos nos atentando para o fato de os alunos, na sua maioria terem mudado de período e deixado pra trás toda a memória construída com aqueles colegas. Isso não é um problema quando se trata de um ou dois alunos. Nesse caso, no entanto, a grande maioria da turma do 8º ano X são *forasteiros*, migrantes sem raízes.

Geralmente há transferências de alunos que ingressam e saem da escola, mas existe um núcleo que permanece e que vai agregando ou repelindo os que chegam, ou seja, as turmas, geralmente têm uma personalidade construída a partir das vivências do cotidiano, dos passeios, das brincadeiras, dos conflitos, dos afetos e desafetos. Porém, no caso do 8º ano X, parece não haver nada disso, é uma turma que não têm história, nem memória. E essa hipótese pode ser ainda melhor confirmada nos quadros 2 e 3 que demonstram que a turma, de fato, não interage entre si, apenas formam pequenas *panelas*.

Esse fator nos leva a pensar em o quanto as escolas têm sido ou não um lugar de pertencimento para os alunos. Sabemos que os alunos gostam de estar na escola, principalmente para estar com seus amigos, com os quais criaram laços afetivos, mas o quanto esses alunos criam também laços afetivos com a escola? Quantos conseguem construir uma relação de pertencimento à escola enquanto grupo social? E o quanto nosso modelo de escola favorece essa construção? Porque no caso do 8º ano “X”, não há integração e afetividade entre a turma, mas se houvesse um sentimento de pertencimento em relação à escola como um todo, talvez os alunos tivessem mais elementos internos para lidar com essa questão, ou seja, algum núcleo de afetividade dentro da instituição.

Nas reflexões de Berger e Luckmann (1985), é pelo pertencimento que alunos podem legitimar suas identidades em diferentes contextos de convivência, sobretudo na escola. Assim, pertencer significa partilhar características, vivências e experiências com outros membros das comunidades de pertencimento, desenvolvendo sentimento de pertença, ajudando

o aluno a sentir-se respeitado e reconhecido. O sentimento de pertencimento é um fio condutor socializador de nossas condutas. As formas com as quais os sujeitos constroem suas comunidades de pertencimento podem sugerir para uns, vinculação, identidade e, para outros, transgressão das normas e valores sociais, sendo chamados por Becker (2008) de outsiders, aqueles que não se enquadram, que estão à margem dos comportamentos que a sociedade estabeleceu como aceitáveis. E, segundo Montino (2016):

Para se efetivar como instituição pertencente de fato à comunidade, a escola deve absorver os valores culturais da comunidade, compreendendo-os também como elementos da cultura escolar, e delinear a proposta da escola a partir desta realidade. A história da cultura de uma escola é construída por todos os seus membros nas rotinas do cotidiano. Cientes disso, alunos, pais e comunidade passam a desenvolver o sentimento de pertencimento daquele espaço, e os muros sociais que separam escola e comunidade começam a ruir. Assim, a escola deixa de ser vista pela comunidade apenas como um espaço onde seus filhos podem conseguir certificados que os ajudem a ingressar no mercado de trabalho, para ser vista como um espaço de construção de conhecimento científico, de ampliação do universo cultural, de expressão da arte, de cuidados com a saúde, de inclusão digital, de desenvolvimento humano com respeito às diferenças, de emancipação política, enfim, um espaço de crescimento para todos. (MONTINO, 2016 p.18)

A questão número 4 do questionário aplicado aos alunos, perguntou: Quem são seus melhores amigos na escola? O objetivo era justamente saber com quais colegas os alunos se relacionavam e mantinham afinidades. Trabalhámos com a hipótese, a partir da observação sobre a turma, de que não haveria integração e amistosidade entre a eles, no geral, apenas entre pequenos grupos. Os alunos responderam à questão escrevendo o nome desses colegas e ao pesquisarmos esses nomes, descobrimos que foram citados alunos das três turmas do 8º ano, ou seja, inclusive alunos de outro período. Para organizar os dados coletados nessa questão, trocamos os nomes dos alunos citados por letras do nosso alfabeto e utilizamos três tabelas para organizar nossa análise.

Quantos amigos?

Quadro 2: Quantos amigos

	Matutino	Vespertino	Vespertino
	8º "X"	8º "Y"	8º "Z"
Aluno 1	5	4	1
Aluno 2	4	1	3
Aluno 3	2	1	
Aluna 4	3		
Aluno 5	2	2	2
Aluno 6	5		
Aluno 7	5		
Aluno 8	5		

Aluno 9	0		
Aluno 10	5		
Aluno 11	9		
Aluno 12	3		1
Aluno 13	4		
Aluno 14	4		
Aluno 15	5		
Aluno 16	4		

Fonte: Arquivo da pesquisadora

O quadro número 2 “Quais amigos” mostra o número de amigos e amigas citados pelos alunos, que estudam nos três 8º anos (X, Y, Z). O aluno número 9 respondeu não ter nenhum amigo na escola, fator que desperta muito a atenção. O que pretendíamos com essa análise era observar se havia certo apego ou saudosismo dos alunos em relação aos colegas que deixaram pra trás, com os quais estudaram nos anos anteriores no período vespertino. Entretanto, apenas 5 dos 16 alunos citaram amigos dos 8º anos “Y” e “Z”, o que nos faz pensar que não existe tal saudosismo, ou seja, os alunos do 8º ano “X” não fazem uma espécie de greve interrelacional com a própria turma por conta de haverem mudado de período e deixado amigos para trás. Há na turma uma predisposição para o relacionamento, entretanto, por algum motivo não há integração entre a turma, o que pode ser comprovado no quadro de número 3.

Quais amigos?

Quadro 3: Quais amigos

Alunos e Alunas	Amigos do 8º “X”	Amigos	Quantas vezes é citado?
Aluno 1	A, B, C, D, E	A	4
Aluno 2	F, G, R, P	B	4
Aluno 3	G, F	C	4
Aluno 4	?	D	4
Aluno 5	G, H	E	1
Aluno 6	I, J, K, L, M	F	3
Aluno 7	N, O, A, B, D	G	3
Aluno 8	Q, J, L, K, M	H	1
Aluno 9	Ninguém	I	3
Aluno 10	C, A, N, D, B	J	3
Aluno 11	C, N, O, B, P, Q, M, K, D	K	4
Aluno 12	R, F	L	4
Aluno 13	O, C, A, N	M	4
Aluno 14	I, L, Q, K	N	4
Aluno 15	Q, L, J, M, I	O	3
Aluno 16	?	P	2
		Q	4
		R	2

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Na organização do quadro 3 buscávamos observar quantas vezes cada amigo ou amiga era citado pelos alunos. Para tanto, a tabela está organizada da seguinte maneira: a primeira coluna elenca os alunos e alunas que responderam, dizendo quem são seus amigos; a segunda coluna se refere aos alunos citados como amigos, apenas do 8º ano “X”, cujos nomes foram trocados por letras do nosso alfabeto; na terceira estão os nomes dos amigos citados, representados pelas letras; e na quarta coluna, o número de vezes que esse amigo ou amiga é citado. As respostas dos alunos número 4 e 16, foram subjetivas e não puderam ser aproveitadas para esta análise. Nessa coluna podemos, portanto, observar que nenhum amigo é citado mais de quatro vezes, o que demonstra a formação das chamadas *panelas*.

Sabemos que é absolutamente comum a formação de *panelas* em todas as turmas, em todas as escolas. Entretanto, também é comum em todas as turmas observar que há sempre cerca de quatro ou cinco alunos que circulam por todos os grupos, por todas as *panelas*, alunos e alunas que são líderes positivos ou negativos, carismáticos, brincalhões, bagunceiros, ou ainda os que se destacam pelas melhores notas, os que se expressam com facilidade, os que auxiliam colegas com dificuldade, enfim, alunos que são, geralmente, queridos por toda a turma. E isso, definitivamente, não se verifica na turma do 8º ano “X”, nem nas práticas de observação da pesquisadora sobre o relacionamento cotidiano, nem na tabulação dos dados do questionário.

A relação entre professores e alunos e entre aluno e aluno; o que é dito neste contexto escolar, nas diferentes situações em sala de aula; os conceitos construídos em tal contexto – tudo isso se refere a processos sociais que compõem a história de cada um dos sujeitos envolvidos, assim como estes também interferem na constituição do próprio contexto em que as situações ocorrem. Considerando o professor um dos mediadores na sala de aula, suas ações têm por objetivo a aprendizagem do aluno. Nessas ações mediadoras, o aluno entra em contato com modos de pensar, agir e sentir em relação ao conhecimento envolvido e a situação em si. Nessa dinâmica, a forma como o aluno significa a ação do professor revela uma atitude afetiva. (VIGOTSKI, 1991, citado por TASSONI E LEITE 2011, p. 82-83)

Assim, a relação do professor-aluno e aluno-aluno podem ser aprimoradas através do afeto e da participação, que adquire uma extensão política construindo bases de pertencimento, que se constitui um sentido de parceria e respeito com as pessoas que convivem no ambiente escolar. “E é entendida como um processo dinâmico e interativo que vai além da tomada de decisão, da superação das dificuldades e das limitações para o enfrentamento dos inúmeros desafios vividos no cotidiano escolar, do bom cumprimento da finalidade social e do desenvolvimento de sua identidade social.” (MORAES, 2012 p.02) A autora ainda destaca que:

A falta dessa consciência e do sentimento de pertencimento resulta em atitudes negativas das pessoas que atuam nos contextos da educação, como faltas, omissões, descuidos e até mesmo incompetência, como aspectos responsáveis pelo fracasso escolar. Em contrapartida, a participação no seu sentido pleno, se dá pela mobilização efetiva dos esforços individuais e coletivos para a superação de atitudes de alienação, acomodação, marginalidade e reversão de comportamentos individualistas, pela construção de espírito de equipe, entendidos e assumidos por todos. (MORAES, 2012 p.02)

Nesse sentido, percebemos que os estudantes criam vínculos entre os amigos como pequenos clãs e assim a escola torna-se suportável, quando não há vínculos entre os alunos, fica impossível conviver nesse ambiente escolar, causando um maior desinteresse pela escola e posteriormente pelos professores, ocasionando assim prejuízos ao seu aprendizado.

Análise dos questionários - professores

Até aqui buscamos compreender o eventual desinteresse dos alunos do 8º ano “X” pela visão dos alunos, agora passamos a investiga-lo pelo viés dos professores da turma. Para isso, aplicamos um questionário de perguntas abertas para nove professores da turma. A fim de garantir a eticidade da pesquisa, identificaremos os professores e professoras com letras do nosso alfabeto. Segue abaixo um quadro organizado com perguntas e respostas.

Quadro 4: Tabulação do questionário dos professores

Perguntas	Respostas dos professores e professoras
1- Como você avalia o perfil da turmas dos 8º anos do colégio?	<p>A - Turmas com potencial enorme, desde que o tema estudado seja interessante.</p> <p>B - É uma turma heterogênea, porém comigo alcançam boas notas.</p> <p>C - São turmas boas, com alunos esforçados, interessados, e outros não tão interessados assim.</p> <p>D - Há alunos interessados e desinteressados. Há alguns que não se motivam porque têm tudo o que querem e não têm limites dos pais, alguns não conseguem acompanhar o desenvolvimento da turma.</p> <p>E - Turmas boas, participativas, cada uma com suas particularidades.</p> <p>F - Turmas boas, conversas paralelas, mas facilidade de organizar suas ideias.</p> <p>G - Turmas agitadas, mas fazendo um bom trabalho conseguimos manter um bom andamento. São turmas diferentes, mas temos que ter um olhar diferenciado para o 8º “X”.</p> <p>H - Turmas são provenientes de uma classe social elitizada, não precisam se esforçar muito. Falta-lhes perspectivas significativas que os levem a objetivos mais substanciais.</p> <p>I - Turma agitada, conversa excessiva, contudo, tiram boas notas e quando focam participam ativamente.</p>
2- Dentro desse perfil, há alunos que se destacam positiva ou negativamente em comparação com o restante da turma?	<p>A - Há alunos que se destacam pela busca de conhecimento, alguns pelo desinteresse e pela infantilidade.</p> <p>B - Todos se destacam positivamente, apenas um deles causa tumulto.</p> <p>C - Há alunos que se destacam pelo compromisso com as atividades, com ótimos resultados. E há os que não cumprem com suas responsabilidades, prejudicam a aula com conversas paralelas e brincadeiras fora de hora.</p> <p>D - Sim, tanto de uma forma como de outra, temos diversos alunos que carregam muitas histórias negativas e transmitem dentro da turma</p> <p>E - Sim, cada turma tem alunos que se destacam positiva ou negativamente.</p> <p>F - Há alunos que se destacam pela realização assídua das atividades propostas, e há uma minoria que não realiza e não participa das atividades propostas.</p> <p>G - Nos três 8º anos há alunos exemplares, mas no 8º “X”, há alunos que atrapalham as atividades.</p> <p>H - Os que se destacam positivamente, têm acompanhamento e atenção familiar.</p> <p>I - Sim, há alunos que conversam muito e atrapalham os colegas e há os que trazem contribuições significativas para a sala de aula.</p>

<p>3- Você observa diferenças substanciais entre o 8º ano "X" e as outras turmas dos 8º anos "Y" e "Z"?</p>	<p>A - A quantidade de alunos desinteressados no 8º "X" é maior. B - Sim, é uma turma diferenciada pouco motivada. Talvez por apresentar diversos grupos. C - Sim, as outras turmas dos 8º anos demonstram maior interesse do que a turma do 8º ano "X". D - Sim, essa turma criou vínculo de resistência contra a proposta pedagógica, por ser a mesma turma todos os anos. As turmas deviam ser misturadas. E - Sim, na questão disciplinar. F - O 8º "X" precisa de um olhar diferenciado e metodologias diferentes para criar maior integração e comprometimento da turma com as aulas. G - Muitas diferenças devido a uma série de fatores: familiares, comportamentais, individuais ou cognitivos. Há que se buscar aulas mais atrativas, mas mesmo assim parece não funcionar. H - As diferenças observadas são devido à falta de orientações e formação dos valores. As causas vão muito além dos muros da escola. I - Os outros oitavos demonstram mais interesse e afeição pelas disciplinas.</p>
<p>4-Quando os alunos apresentam desinteresse pela escola ou pelas aulas, o que será que está por trás desse comportamento?</p>	<p>A - Falta de compromisso dos pais e alunos, que pensam que é uma questão apenas da escola. B - Não percebo desinteresse, os alunos do 8º "X" fazem tudo o que eu proponho, talvez não com o mesmo empenho das outras turmas. C - Em muitas situações não possuem maturidade para discernir o que realmente é importante. D - Problemas familiares, falta de acompanhamento, maturidade e limite. E - Cada um tem suas preferências, devemos incentivá-los e mostrar a importância da aula/escola. F - Deve ser feita uma investigação mais aprofundada, mas família e escola devem caminhar juntas para que tenham sucesso. G - São fatores externos: familiares, individuais, pessoais, desinteresse e também coletivo, quando envolvem outros alunos. Adolescência rebelde, falta de controle dos pais, falta de valores. H - É preciso identificar as causas disso, cabe a escola oferecer formação que venha dar subsídios aos professores. I - Problemas externos que afetam a vida escolar, falta de acompanhamento familiar. Alunos desinteressados influenciam outros alunos.</p>

<p>5-Você acredita que há possibilidade de reverter esse quadro? Como?</p>	<p>A - Deslocando os alunos desinteressados para outros turnos, para inibir atitudes negativas.</p> <p>B - A turma foge do padrão das outras turmas, por isso causa estranhamento dos outros professores, mas todos têm potencial e eu não tenho problemas com essa turma.</p> <p>C - Fazer com que eles descubram o que realmente é melhor para eles, que cada coisa tem seu tempo e hora. Seria uma conscientização mútua entre escola e família.</p> <p>D - Tem que haver uma união entre escola e família direcionando direitos e deveres aos educandos.</p> <p>E - Com conscientização dos alunos e pais.</p> <p>F - Através de aulas diversificadas, metodologias diferenciadas “métodos ativos”, com medidas disciplinares e acompanhamento individualizado.</p> <p>G - Tem que haver parceria entre escola, pais, professores e alunos. Podemos melhorar com novas condutas, com dialogo, acordos, punições, estabelecimento de regras, direitos e deveres.</p> <p>H - É preciso observar dois lados: família só recorre aos direitos; professores e escola só tem deveres. Isso depende dos interesses de cada um: dos objetivos, das perspectivas, dos valores, da educação da família, da clareza das regras e autonomia da escola.</p> <p>I - O esforço deve ser de todos, professores, coordenação, escola e famílias. À Escola requer-se atenção, vigia, escuta ativa, atendimento psicopedagógico dos estudantes. A família deve reconduzir os alunos ao caminho dos valores, a adição de um projeto de vida e prioridades.</p>
--	--

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Ao analisarmos as entrevistas dos professores, foi possível identificar que aparentemente, a maioria dos professores não fazem conexão do desinteresse dos alunos com a sua disciplina, com a metodologia utilizada por eles dentro da sala de aula e com a maneira que a escola trabalha e convive com os alunos. Dos nove professores entrevistados, apenas o identificado com a letra “F”, nas questões número 3 e 5, se refere à necessidade de metodologias diferenciadas para a turma do 8º ano “X”, a fim de despertar o interesse. E ainda, o professor identificado com a letra “H”, que respondeu à questão 4 sobre o que pode estar por trás desse desinteresse, que é necessário investigar, e que é importante que seja dada formação continuada aos professores para que aprendam a lidar com essas questões.

Na visão da maioria dos professores, portanto, o problema desta turma está nos alunos que fogem dos padrões das demais turmas da escola, e os pais que não participam ou acompanham os seus filhos. Houve apenas um relato, entre o nove, sobre uma didática diferenciada para uma turma que é considerada por eles diferente e heterogênea, que precisam de um olhar diferente e metodologias diversificadas para despertar o interesse dos alunos pela prática escolar:

Muitas vezes, a escola espera genericamente que a família “ajude” ou “não atrapalhe”. Isto não é suficiente, a escola precisa investir no trabalho de formação e “conscientização dos pais”. Devemos esclarecer aos pais a concepção de disciplina da escola, de forma a minimizar a distância entre a disciplina domiciliar e escolar. Diante de toda crise, as famílias estão desorientadas. Muitos educadores argumentam que não seria tarefa da escola este trabalho com as famílias. De fato, só que concretamente se não fizermos algo já, enquanto lutamos por mudanças mais estruturais, nosso trabalho com as crianças ficará mais difícil. (BAZILIO, 2009, p.25).

Além disso, a autora enfatiza que diante dos problemas dos alunos, seria importante identificar se é realmente um problema familiar, procurar saber se não é um problema dentro da escola. Sabemos que muitas vezes as informações que educadores dispõem sobre os alunos acabam sendo usadas contra o próprio aluno: tudo passa a se explicar, por exemplo, “porque os pais são separados ou não acompanham a vida escolar dos seus filhos”, isentando a escola de buscar soluções para os desinteresses dos adolescente dentro do ambiente escolar.

A instituição escolar deve junto ao corpo docente encontrar caminhos para aproximar a família da escola, incentivando os pais a participarem das atividades desenvolvidas nesse espaço, como também participarem das reuniões e eventos. A escola deve estar preparada para manter os pais informados sobre o comportamento e desenvolvimento escolar dos adolescentes, antes mesmo de apresentar os boletins no final de cada bimestre.

Podemos observar ultimamente que a didática tradicional não está causando mais interesse aos alunos, na contemporaneidade. Esse espaço, tão importante que é a escola precisa se transformar num ambiente onde os alunos possam interagir, participar e trabalhar os seus potenciais, tendo ligação com o universo dos adolescentes. Além disso, conteúdos que só servem para avaliações não são mais atrativos e nem interessantes para os adolescentes. “A escola, em geral, precisa promover atividades de aprendizagem que ajudem seus alunos a compreender o mundo que os cercam e assim, despertar neles, um interesse mais motivador e mais gratificante pela sua escola, e conseqüentemente, pelos seus estudos.” (MAIA E LIMA, 2019, p.02). As autoras ainda enfatizam que:

O aluno precisa vivenciar um vínculo afetivo e prazeroso com a escola. Ele precisa gostar de ir à escola, e não, ser obrigado apenas a frequentá-la. A escola tem que representar para o aluno um lugar de espaço motivacional, em que ele possa ter acesso ao conhecimento, mas também um espaço que seja possível construir as relações sociais, humanas, éticas de cidadania e se considerarem importantes para suas vidas. A escola é espaço para aprender, socializar, conversar, trocar ideias, ouvir o outro. (MAIA E LIMA, 2019, p.02).

Pensando nisso, o professor deve estar sempre se capacitando, fazendo formação continuada e aprimorando os seus conhecimentos para encontrar novas estratégias e métodos para a sua aula ser atraente e dinâmica. Pois, enquanto nós, professores, não correr atrás para acompanharmos essa nova geração principalmente com a evolução tecnológica em que os adolescentes estão sempre conectados, iremos carregar o peso da falta de interesse dos nossos alunos pelas nossas disciplinas, temos que ampliar o nosso repertório e está aberto a novas mudanças, caso contrário seremos considerados ultrapassados e teremos que lidar cada vez mais com a falta de interesse dos alunos.

[...] Claxton (2005) considera que a inovação na Educação e na formação de professores compreende, sinteticamente, um conjunto de ações que decorre de uma prática política e intencional, estabelecida com o objetivo de produzir modificações e melhorias no contexto escolar, com vistas a atender às demandas de um grupo social frente às mudanças que se colocam no cenário mundial. Exige, portanto, ser entendida como um processo permanente e sistemático, planejado e não linear, considerando a cultura própria de cada estabelecimento de ensino, que determina a sua postura diante das mudanças. (JALBUT, 2011, p.80)

Segundo Paulo Freire (2019) o docente já não é apenas o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em conversa com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos,

assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos. Os contextos de autoridade fundamentados no autoritarismo não funcionam como meios apropriados de educação para os adolescentes de hoje. Nesse ponto de vista, professores e alunos precisam andar juntos com alegria e respeito mútuo. Além disso, urge a necessidade de o sistema educativo oferecer formação continuada aos professores a fim de conseguirem ampliar o olhar para essas subjetividades da escola que interferem fortemente no processo ensino e aprendizagem.

Considerações Finais

Ao final da pesquisa é perceptível que pudemos solucionar nossas dúvidas a respeito do desinteresse pelas aulas e da falta de integração demonstrada pelos alunos do 8º ano “X”. Pudemos observar que os alunos não se sentem pertencentes à escola como vimos nos questionários respondidos por eles. Assim como, não se sentem acolhidos pelos professores, funcionários e pela própria escola, o que mostra a necessidade de se repensar a organização da escola a fim de ajuda-los a criarem um vínculo de pertencimento.

Sabemos que em uma unidade escolar a relação mais importante que deve ser criada é entre professor-aluno e aluno-aluno, pois são eles que estão juntos a maior parte do tempo e precisam ter uma relação de afeto e respeito mútuo. Na visão dos professores essa turma é considerada a problemática e fora do padrão das demais turmas da escola. Para eles o desinteresse dos alunos é decorrente apenas dos próprios alunos, sem relação com a escola e docentes, são de ordem externas e não internas, sem perceberem que está relacionada à falta de vínculo criada pelos alunos com a instituição e com os demais que estão nela. Para esses alunos a escola é apenas um local onde eles vão para aprender as atividades e disciplinas curriculares obrigatórias, mas entendemos que a escola não é só um local de estudo, mas também um ambiente que deve ter afetividade, atenção e companheirismo entre todos, pois só assim contribuirá para um ensino-aprendizagem de qualidade onde todos se sintam bem e acolhidos.

Outro fator que pode estar por trás desse desinteresse dos alunos acreditamos que seja a forte migração dos discentes de turmas e escolas, com isso os alunos não criaram vínculo com a escola e com a turma. Fica evidente a falta de integração entre a turma, como observamos no quadro de amigos, a turma não tem alunos queridos por todos, existem apenas pequenas panelinhas de alunos, podendo ser esses clãs que ajudam a escola ser suportável para eles.

Percebemos que todos esses fatores podem estar relacionados e contribuindo para que os alunos tenham desinteresse escolar, que pode ser amenizado ou solucionado com ações que a escola pode desenvolver para acolher e reunir esses alunos e ajudá-los a criarem um vínculo com a escola e com os demais que nela frequentam. Juntamente a isso, observamos a necessidade de os cursos de formação inicial incluírem fortemente em seus currículos disciplinas que tratem essas questões, além de os sistemas educativos investirem em cursos de formação continuada no sentido de ajudarem os professores a ampliar o olhar sobre as subjetividades da escola e as melhores maneiras de se lidar com elas.

Referências

ALVES, Marcelo Paraiso et al. **Práticas cotidianas do recreio escolar: táticas de quem gosta de inventar. Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, n. 35, p. 75-86, dez. 2017.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender: geração do audiovisual e do computador**. São Paulo: Paulinas, 1989.

BAZÍLIO, Rosa Maria Galvão. **O desinteresse dos alunos e o papel dos pais com o processo ensino-aprendizagem no contexto da gestão escolar**. 2009.

- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Da Educação Básica Ensino Religioso**. Paraná. 2008.
- BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- BELLONI, Maria Luiza. **A integração das tecnologias de informação e comunicação aos processos educacionais**. In: BARRETO, Raquel Goulart (Org.). *Tecnologias Educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quarteto, 2001.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CAMARGO, L. S. dos. **Concepções de adolescentes sobre a escola: do risco à proteção**. 2009. 161f Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Presidente Prudente, 2009. Disponível em: 80 <http://www4.fct.unesp.br/pos/educacao/teses/2009/LUCIENECAMARGO.pdf>. Acesso em: 20/05/2019.
- COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FREIRE, Paulo. 60ªed. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e Terra. 2019.
- JALBUT, Magdalena Viggiani. **Fundamentos teóricos para a formação de professores: a prática reflexiva**. 2011.
- LARA, Luisa Castiglioni. **Porque as crianças não gostam da escola?**. Rio de Janeiro. 1987.
- LE MOS, André. **Cultura da Mobilidade**. In: BEIGUELMAN, Giselle; FERLA, Jorge La. (Orgs.). *Nomadismos Tecnológicos*. São Paulo: SENAC, 2011. p. 15-34.
- LIMA, Thais Ramos de. **Dever de casa: os diferentes pontos de vista**. Rio de Janeiro. 2013.
- LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MAIA, Rosa Maria Araújo Peixoto; LIMA, Alexandra Souza Costa. **A indisciplina no ensino fundamental II da escola pública**. A Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde ISSN - 2525-4014. 2019.
- MORAES, Ceila Ribeiro. **A gestão Democrática e o olhar dos sujeitos sobre o processo de participação no cotidiano da escola**. UEPA. 2012.
- MORAN, José. **Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias**. Papirus, 21ª ed. 2013.
- OZELLA, S., & AGUIAR, V. M. J. (2008). **Desmistificando a concepção de adolescência**. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 97-125.
- PERUCCHI, Valmira. **A importância da biblioteca nas escolas públicas municipais de Criciúma – Santa Catarina**. 1999.
- PIAGET, J. **A formação dos símbolos na criança**. LTC, 2010.

REIS, Isabel Cristina Moreira. **O desinteresse dos adolescentes do 1º ano do ensino médio pela escola: o trabalho do Coordenador pedagógico na intervenção desse quadro**. São Luís,

2016.

SILVA, Lindomar Coutinho. **Emoções e sentimento na escola: uma certa dimensão do domínio afetivo.** Ilhéus-BA. 2002.

SILVA, Marco. **Educação presencial e online: sugestões de interatividade na cibercultura.** In: TRIVINHO, Eugênio e CAZELOTO, Edilson (Orgs.) A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2009. Disponível em: <http://abciber.org/publicacoes/livro1>. Acesso em: 19 de maio de 2019.

TASSONI, E. C. M; LEITE, S. A. S. **Um estudo sobre emoções e sentimentos na aprendizagem escolar.** Comunicações Piracicaba. 2011.

TRIVIÑOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2008.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, Henry. **Psicologia e educação da criança.** Lisboa: Estampa, 1980.

Recebido em 10 de novembro de 2020.

Aceito em 18 de novembro de 2020.